

14º Congresso Brasileiro de Design: No Tempo do Gaivota: memórias e visibilidades LGBTQI+

14th Brazilian Congress on Design Research: In the time of Gaivota: LGBTQI+ memories and visibilities

PONTINARI, Denise; Doutora em Psicologia/Docente; PUC-Rio

denisep@puc-rio.br;

MACHADO, Catherine; Bolsista de Iniciação Científica; PUC-Rio

cathpuc@gmail.com

MARQUES, Laura; Bolsista FAPERJ de Iniciação Científica ; PUC-Rio

laura.rodriguesmarques@outlook.com

ALMEIDA, Manuela; Bolsista de Iniciação Científica; PUC-Rio

manuelachaves.a@gmail.com

Este artigo apresenta uma pesquisa sobre memórias e visibilidades LGBTQI+, que vem sendo desenvolvida dentro do Depto. de Artes e Design da PUC-Rio. A pesquisa tomou como ponto de partida a extinta casa noturna Gaivota - que funcionou no Rio de Janeiro de 1976 a 1999 - iniciando junto a ex-frequentadores desse espaço um programa de coleta de depoimentos orais e audiovisuais. Tal iniciativa visa contribuir para a abertura de um arquivo vivo sobre o “tempo do Gaivota”, compreendido como um espaço-tempo de sociabilidades e vivências homoafetivas que abarcava, no período contemplado, também outros locais da cidade do Rio de Janeiro. Buscando atender a uma demanda crescente por iniciativas de memorialização e visibilização LGBTQI+, este projeto focaliza o espaço-tempo em questão como uma estratégia que permite dar voz a uma diversidade de vidas e de experiências que permaneceram, em grande parte, anônimas e invisibilizadas.

Palavras-chave: Memórias LGBTQI+; Visibilidades LGBTQI+; Arquivos LGBTQI+.

This article presents a research about LGBTQI+ memories and visibilities, which has been developed in the Arts and Design department of PUC-Rio. The research consisted of a program to collect oral and audiovisual testimonies from former patrons of the nightclub Gaivota, which operated in the city of Rio de Janeiro between 1976 and 1999. This initiative aims to contribute to the construction of a live archive of the “Gaivota times”, a time and space of homosexual sociabilities and experiences that included also other venues in the city of Rio de Janeiro. Seeking to meet a growing demand for initiatives dedicated to LGBTQI+ memories and visibilities, this project focuses on the space-time in question as a strategy that focuses on a diversity of lives and experiences that have remained largely anonymous and invisible.

Keywords: LGBTQI+ memories; LGBTQI+ visibilities; LGBTQI+ archives.

1 Introdução

A pesquisa “No tempo do Gaivota: memórias e visibilidade LGBTQI+” está inserida no processo de desenvolvimento e implementação da sub-linha da pesquisa em Design: Estético-políticas dos corpos e subjetividades, do Programa de Pós-Graduação em Design da PUC-Rio, na área de concentração Design e Sociedade.

A pesquisa visa desenvolver um “dispositivo de memórias e visibilidades” voltado para o atendimento da crescente demanda pela constituição de arquivos e de formas de visibilização da história, das manifestações e das pautas LGBTQI+.

Ao longo dos últimos quarenta anos, surgiram muitas iniciativas de memorialização e registro de memórias e manifestações homoeróticas e *queer*. No Brasil, temos hoje uma quantidade expressiva de excelentes pesquisas e projetos voltados para o registro de memórias LGBTIA+ como Acervo Bajubá¹, o Instituto LGBT+², o Museu da Diversidade Sexual³, Arquivo Lésbico Brasileiro⁴. Todavia a maior parte dessas iniciativas está voltada para o levantamento e análise de documentos e registros produzidos por mídias já constituídas, grupos relativamente organizados, militâncias e artistas que de alguma maneira deixaram a sua inscrição em textos, notícias, filmes e gravações, enfim, em alguma forma de documentação.

A pesquisa aqui proposta visa sobretudo aquilo que escapa a essa malha, privilegiando a visibilização e o registro de manifestações e memórias efêmeras, relativamente anônimas, de alguma maneira invisibilizadas. Visa produzir, em uma colaboração entre os métodos de História Oral e as metodologias participativas e outras ferramentas do campo do Design Social, um arquivo de memórias das formas de visibilidade que se constituíram justamente em espaços relativamente restritos e secretos, nos “submundos” que durante muito tempo constituíram o espaço-tempo dos encontros e das manifestações homoeróticas, não-binárias, contra-normativas e dissidentes.

A pesquisa toma como ponto de partida a extinta casa noturna Gaivota, iniciando junto a ex-frequentadores desse espaço um programa de coleta de depoimentos orais e audiovisuais, com a finalidade de potencializar a construção de memórias, redes de sociabilidade e visibilidades LGBTQI+ no Rio de Janeiro, focalizando especialmente o período de 1976 a 1999, em suas relações com o tempo presente.

Situada no inicio da então semi-deserta Rua Rodolfo Amoedo, na Barra da Tijuca, o Gaivota foi, de 1976 a 1999, um lugar central de encontro de pessoas das mais diversas proveniências, idades, classes, racialidades e orientações sexuais, permanecendo, todavia, mais fortemente associado à população e à cultura lésbica da cidade. Após essas duas décadas muito movimentadas, o Gaivota foi se desarticulando; inicialmente houveram algumas tentativas de mudança de local e de formato (transformando-se em uma festa semanal), mas as características e o sucesso do espaço original se perderam no tempo.

A desarticulação dos espaços físicos de encontros voltados para o público LGBTQI+, e especialmente dos espaços frequentados pelas lésbicas, vem acontecendo desde o final dos anos 90. Esse desaparecimento tem recebido alguma atenção da mídia e foi abordado em diversas pesquisas que o associam com a gentrificação dos espaços — e das mentalidades —

¹ Ver <http://acervobajuba.com.br/>

² Ver <https://instituto.lgbt/>

³ Ver <https://museudadiversidadesexual.org.br/>

⁴ Ver <https://www.arquivolesbicobrasileiro.org.br/>

na sociedade contemporânea (SCHULMAN, 2012; PORTINARI & CESAR, 2014; WENNERHOLM, 2019); com os efeitos da disseminação crescente das redes sociais na configuração de outros espaços sociais e afetivos, e com outras formas de apagamento da experiência lésbica e de outras vidas desviantes.

A escolha dessa extinta casa noturna, centro de sociabilidades e experiências de pessoas que hoje estão em sua maioria na faixa dos 60+, foi estratégica na medida em que coloca como ponto de partida da pesquisa um espaço-tempo de vivências homoafetivas sem privilegiar de antemão uma determinada forma de identidade. Essa estratégia permite que a pesquisa conte a universo de ex-frequentadoras/es que nem sempre se identificam com as denominações, as formas identitárias e as implicações políticas e existenciais demarcadas pelas siglas LGBTQI+. Ao mesmo tempo, possibilita a abertura de um arquivo de memórias e de existências relativamente comuns e anônimas, que em geral escapam às diversas iniciativas já existentes de constituição de arquivos LGBTQI+.

A criação de um “dispositivo de memórias e visibilidades” LGBTQI+ que conte a universo de essas vidas anônimas é um dos objetivos deste projeto, que nesse sentido inspira-se nos princípios do Lesbian Herstory Archives (NESTLE, 1990), Tributário da noção lésbico-feminista de *herstory* — a elaboração de historiografias a partir de uma perspectiva não-patriarcal e não-heteronormativa — o LHA sustenta os princípios que o nortearam desde o início: recolher, preservar e disponibilizar registros de vidas e atividades lésbicas, quaisquer que sejam. O Arquivo coleta materiais “sobre e por lésbicas”, reconhecendo a mutabilidade dos conceitos de identidades lésbicas.

No caso do presente projeto, o foco não se restringe aos arquivos lésbicos, embora a escolha do “tempo do gaivota” como ponto de partida implique em uma certa preeminência dada às vidas e memórias lésbicas.

A crescente visibilização política das questões de gênero e sexualidade, com as conquistas e o acirramento dos conflitos em torno dos direitos civis LGBTQI+; o crescimento também dos sujeitos e discursos de direita, dos fundamentalismos religiosos e das forças conservadores no Brasil e no mundo; os acontecimentos que recentemente alteraram profundamente os destinos sociais, políticos e econômicos do país; as mudanças nas formas de existir, pensar e construir-se como sujeitos de diferentes gêneros e práticas sexuais e afetivas; esses são alguns aspectos que configuram o presente em que as falas sobre “o tempo do Gaivota” são convidadas e emergir.

A pesquisa já desenvolveu um estudo piloto que gerou algumas publicações e apresentações de trabalhos em eventos científicos, tendo sido contemplada com o prêmio de Destaque de Iniciação Científica do Centro de Teologia e Ciências Humanas (CTCH) da PUC-Rio em 2019. Foi submetida em sua versão estendida para avaliação pela Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio, tendo sido aprovada sob número de protocolo 83-2021.

2 Objetivos

Utilizando como base um programa de coleta oral e audiovisual de falas de ex-frequentadores da extinta casa noturna Gaivota, este projeto pretende abrir e disponibilizar um arquivo de memórias e visibilidades LGBTQI+, aberto à contribuição de todas e todos que participaram do circuito de espaços de sociabilidade LGBTQI+ do “tempo do Gaivota”. Pretende-se potencializar e discutir a construção de espaços, memórias, redes de afeto e visibilidades LGBTQI+ no Rio de Janeiro das décadas de 1980 e 1990 em suas relações com o presente. No

entanto, o projeto não visa propriamente “reconstruir” ou “memorializar” a história desse espaço. Não se trata de restituir aquilo que já se encerrou, mas de fazer circular e ressoar aquilo que existe e se mantém vivo: as memórias, as falas, as existências daqueles que fizeram e fazem viver esse espaço, em suas conexões com a atualidade.

Ao mesmo tempo, esta proposta tem o objetivo de implementar e promover uma prática de Design voltado para questões de visibilidade social e política (PORTINARI & NOGUEIRA, 2016) e para a sensibilização às pautas dos movimentos sociais, segundo a proposta de "queerizar o Design" (PORTINARI, 2017).

“Queerizar” o design seria sensibilizar o campo para os aspectos e os efeitos políticos, éticos, estéticos e subjetivos do design na contemporaneidade, abordando-o enquanto processo social de configuração do sensível compartilhado, do espaço comum. É ainda problematizar e transviar a participação do design na (re)produção e materialização das estratégias da normatividade, através da análise crítica de sua inserção nesses processos, agenciando-o para a produção de perspectivas e práticas contra-normativas e a potencialização de novas possibilidades de existência. (PORTINARI, 2017, p. 3).

Essa proposta tem afinidade com outras iniciativas que vêm surgindo no campo, voltadas para a problematização e a sensibilização do Design em relação às pautas dos movimentos sociais, como o Design Afirmativo (SANTOS & NOJIMA, 2019), voltado para as questões dos movimentos negros em sua luta contra o racismo estrutural, ou a instrumentalização dos projetos de Design voltado para as causas feministas (RADZIKOWSKA et al, 2019).

Além disso, dentro do escopo da pesquisa aqui proposta, visamos promover essa prática em associação com os métodos e questões teóricas do campo da História Oral. Uma das questões importantes ligadas à constituição de arquivos de memórias é o problema da concepção e construção dos meios de suporte e de disponibilização dos registros levantados. Essa questão ganha especial relevo em uma pesquisa voltada para as memórias de uma população que se constituiu e se manteve durante muito tempo em um certo anonimato e cujas vivências foram marcadas por formas de visibilidade muito próprias e bastante restritas, como é o caso da população LGBTQI+ que hoje se encontra na faixa etária dos 60+. Entendemos que esse problema constitui um desafio projetual para o qual os métodos participativos do Design Social podem trazer uma contribuição importante.

Os testemunhos e documentos orais, assim como aqueles que o projeto busca coletar, são muito relacionados com os grupos marginalizados, servindo como ferramentas muito utilizadas para dar voz a essa parcela populacional, contudo a coleta desses registros enfrenta alguns desafios. Isso porque, o projeto deve buscar referências, tanto no campo da História Oral, quanto no campo da História Oral *Queer*, lembrando que a escuta dessas falas deve ser sensível às nuances e complexidades que acompanham o tema abordado, sobretudo quando se relaciona aos aspectos de visibilização e acessibilidade dos registros.

Esses objetivos desdobram-se em duas principais vertentes: a coleta de falas de ex-frequentadores do Gaivota e a circulação, discussão e análise dessas falas. Não se trata propriamente de duas etapas consecutivas, uma vez que elas podem ocorrer de maneira não linear, mas de uma estratégia que procura potencializar a construção da memória através da disponibilização e disseminação das falas e da interlocução entre participantes.

3 Metodologia

A equipe da pesquisa inclui um doutorando do PPG Design da PUC-Rio com formação docente em História e experiência como pesquisador do Laboratório de História Oral e Imagem

(LABHOI-UFF) e do Museu da Pessoa em São Paulo e no Rio de Janeiro. Conta também com um recém doutor com reconhecida experiência na área de memórias e visibilidades LGBTQI+, responsável pelo desenvolvimento da Plataforma Tropicuir (<https://www.tropicuir.org>) , e atualmente integrado como docente na ESDI/UERJ e pesquisador do LabDEMO (Laboratório de Design, Epistemologia e Moralidade). Esses integrantes participaram da elaboração e planejamento da pesquisa e do treinamento de duas bolsistas de IC e uma bolsista FAPERJ no que concerne às técnicas de coleta e análise em História Oral e no desenvolvimento dos meios de difusão do material coletado.

Este projeto lança mão de uma bricolagem de abordagens, métodos e técnicas, inspiradas nas metodologias *queer* (PORTINARI, 2017), nos métodos participativos do design e nas técnicas de coleta de depoimentos orais e audiovisuais e construção de mídias digitais voltadas para as memórias e visibilidades LGBTQI + (ALTMAYER, 2020).

Considerando o objetivo a longo prazo de criar e disponibilizar um “dispositivo de memórias e visibilidades LGBTQI+”, as principais ações de pesquisa incluem a coleta, a curadoria e a disponibilização de registros de depoimentos e documentos. A coleta consiste no desenvolvimento e implementação de um programa de depoimentos orais e audiovisuais e na coleta de registros documentais sobre o “tempo do Gaivota”. A curadoria envolve a transcrição e o armazenamento dos registros na íntegra, e edição e disponibilização parcial desses registros em mídias construídas para a divulgação do projeto, bem como a promoção de encontros e rodas de conversa com todos os participantes da pesquisa, onde esses registros serão veiculados e debatidos. A disponibilização e a curadoria envolvem ainda criação e manutenção de arquivos em plataformas e mídias digitais. Essas ações distintas podem acontecer simultaneamente, pois um princípio desta metodologia é a noção de que a memória é uma criação permanente e coletiva.

Além da utilização de meios digitais como suporte para a disponibilização e divulgação do arquivo, prevê-se a possibilidade de elaboração de um livro desenvolvido em parceria com os integrantes da pesquisa, os entrevistados e artistas e designers gráficos convidados para essa finalidade. Essa possibilidade é inspirada na metodologia desenvolvida para a pesquisa *Vozes LGBT: memórias que contam e encantam*, trabalho que reuniu integrantes do Coletivo HLGBT (Histórias de vida lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e travestis), historiadores, artistas e designers em torno da elaboração de um projeto gráfico de memórias ilustradas LGBT (SANCHEZ, 2018).

A técnica-base escolhida para a identificação de possíveis participantes para o programa de coleta de depoimentos foi o “Método Bola de Neve”: “um sujeito fornece ao pesquisador o nome de outro, que por sua vez indica o nome de um terceiro, e assim por diante” (VOGT, 1999 apud ATKINSONS & FLINT, 2001, p. 2). Essa estratégia é comumente aplicada em pesquisas com populações difíceis de acessar, como é o caso da população queer e aos ex-frequentadores do “secreto” Gaivota. No caso do projeto, é possível apontar também o uso do “Método Bola de Neve Virtual”, uma vez que utiliza redes sociais para estabelecer as relações e contatos. Existe uma certa crítica em torno da metodologia, uma vez que contradiz muitos métodos tradicionais em termos de amostragem. No entanto, “se o propósito de um estudo é primordialmente exploratório, qualitativo e descritivo, o Método Bola de Neve oferece vantagens práticas” (HENDRICKS, BLANKEN & ADRIAANS, 1992 ; ATKINSONS & FLINT, 2001).

A utilização da metodologia Bola de Neve alinha-se ao caráter afetivo desse tipo de pesquisa, pois “como histórias orais queer são interações intensas, à medida que a colaboração de história oral ocorre, o contrato entre narrador e pesquisador geralmente evolui para algo mais:

uma ligação, amizade ou comprometimento político" (BOYD; RAMÍREZ, 2012, p. 1-2). Segundo Atkinson e Flint (2001), técnicas de "referência em cadeia" podem elevar o pesquisador ao lugar de membro ou confidente do grupo estudado, desenvolvendo laços afetivos e facilitando o diálogo com os sujeitos da pesquisa.

A importância do audiovisual no projeto *No Tempo do Gaivota* incide no conceito de *body-based knowing*: a sexualidade e os desejos do corpo são material de prática e um aspecto importante da história oral. Segundo Boyd e Ramírez (2012), a presença física de corpos sexuais e de gênero afeta a colaboração na história oral. As entrevistas presenciais realizadas com os ex-frequentadores do *Gaivota* se basearam nessa lógica, utilizando audiovisual e a fotografia para tentar materializar as diferentes formas de expressão dos entrevistados. Nesse sentido, destaca-se a importância da figura dos pesquisados e seu contato direto com os sujeitos da pesquisa, como o projeto tem sido conduzido.

Considerando a multiplicidade de camadas presentes nas entrevistas de história oral queer e a complexidade de efeitos que nelas se produzem a partir da relação entre entrevistadores e entrevistados, vale ressaltar a importância metodológica da configuração das entrevistas. Para a coleta dos depoimentos, foi decidido que as entrevistas contariam com a participação de, pelo menos, dois pesquisadores (bolsistas de Iniciação Científica). Uma vez que "entrevistas de história oral são performances corporificadas com múltiplos canais de entrega e recepção de informação" (BOYD; RAMÍREZ, 2012, p. 82), é benéfico que as vias de troca não se restrinjam a uma única relação entrevistador-narrador, fazendo circular o diálogo, o que amplia as possibilidades relacionais da situação didática pela intervenção de um terceiro sujeito, e contribuindo para percepções diversas das maneiras de se estar no mundo.

Nesse sentido, é possível destacar alguns exemplos de padrões metodológicos do campo em questão nos projetos do livro "Bodies of Evidence: The Practice of Queer Oral History". As entrevistas transcritas e comentadas na coletânea são, em sua maioria, conduzidas por dois pesquisadores, criando dinâmicas que reforçam a amizade, afetividade e "tendência respeitosa dos relacionamentos" (BOYD; RAMÍREZ, 2012, p. 180), cruciais nesse contexto. Esse tipo de partitura foi delineado por obras fundamentais do campo da história oral queer, a exemplo de "Boots of Leather, Slippers of Gold" (1993), no qual Elizabeth Kennedy e Madeline Davis entrevistam lésbicas da classe operária dos anos 1930-60 em Nova York. Além disso, deve-se considerar os desafios éticos, políticos e acadêmicos da história oral queer e como eles afetam os métodos utilizados, conforme Boyd e Ramírez (2012). Os autores destacam como é relativamente recente a possibilidade de produção nos campos de gênero e sexualidade queer sem represálias, além da articulação e veículos para a discussão entre estudiosos da área ser, ainda, extremamente deficiente. Em razão disso, há sensação de isolamento e de se estar "reinventando a roda" por muitos pesquisados. Visando evitar abordagens metodológicas "individualistas, idiosincráticas e dispersas" (BOYD; RAMÍREZ, 2012, p.11), o envolvimento de mais de um pesquisador é recomendável.

4 Resultados

Os pesquisadores do projeto *No Tempo do Gaivota* realizaram até agora dez entrevistas, com duração de aproximadamente uma hora cada, com ex-frequentadores da extinta casa noturna. De acordo com as preferências de cada indivíduo, o registro pode ser feito em áudio, vídeo, ou somente anotação simultânea da fala, visando resguardar as identidades dos entrevistados que solicitam a preservação de sua imagem.

Após o registro, é feita a pós-produção dos depoimentos, onde ocorre a edição do audiovisual e a transcrição da fala, visando o aproveitamento máximo do material coletado e o aumento das possibilidades de trabalho dos arquivos. Uma vez que o conteúdo armazenado se encontra em áudio, vídeo e texto, é possível, em etapas futuras da pesquisa, transformá-lo em diferentes meios de divulgação do projeto.

Além dos registros das entrevistas, foram coletados até agora cerca de vinte documentos, entre notas e anúncios publicadas em veículos de mídia entre 1977 e 1999 (especialmente na imprensa alternativa), flyers, e mesmo um exemplar das famosas “carteirinhas” (carteira impressa com o nome da pessoa, distribuídas pela gerência aos frequentadores mais assíduos, dando direito a entrada grátis no Gaivota). Esses documentos estão disponibilizados na Plataforma Tropicuir (<https://www.tropicuir.org>), iniciativa parceira da pesquisa, sendo que as entrevistas editadas ainda estão com acesso restrito aos pesquisadores.

Em decorrência da pandemia de COVID-19, foi necessária a reformulação da metodologia das sessões de coleta de depoimentos para adaptá-las aos meios virtuais. Assim, as sessões de coleta foram interrompidas em março de 2020, e o tempo da pandemia foi dedicado, portanto, à transcrição e edição do material já coletado, e à criação da comunicação gráfica do projeto (identidade visual, vinhetas, textos de apresentação) em preparação para a sua inserção na Plataforma Tropicuir. Nesse processo, foram estudados métodos de realização das transcrições e edições, dada a necessidade de aprofundamento sobre as metodologias de análise e tratamento de dados em referências do campo da História Oral e especialmente da História Oral Queer.

A retomada das entrevistas ocorreu em março de 2022, de forma online, pela plataforma Google Meet, de acordo com as preferências de audiovisual do entrevistado. Elas se mantiveram na média de 1 hora de duração, passando depois pelo processo de pós-produção e transcrição.

Considerando que este projeto tem por objetivo principal a construção e a disponibilização de registros de memórias e de visibilidades LGBTQI+, o resultado visado é a formação e disponibilização de um acervo, ou melhor, de um “dispositivo de memórias e visibilidades”, entendido como um arquivo vivo que permanecerá aberto a novas contribuições e a outras iniciativas de pesquisa. Nesse sentido, as falas dos interlocutores do projeto não devem constituir primariamente um objeto de análise nesta etapa.

Entretanto, o resultado esperado – a constituição do arquivo e de seus modos de disponibilização – não pode prescindir de algum nível de reflexão sobre essas falas. Essa questão foi discutida em um trabalho de apresentação do projeto, focalizando a questão das formas de visibilidade homoafetiva que parecem ter predominado no “tempo do Gaivota” tal como relatadas nos depoimentos coletados na etapa preliminar do projeto (PORTINARI & ALTMAYER, 2021). Essas formas de visibilidade, que não coincidem inteiramente com as formas vigentes na contemporaneidade, colocam problemas que devem ser levados em conta na escolha dos meios de coleta, registro e disponibilização dos depoimentos das interlocutoras e dos interlocutores do projeto.

Assim, essa proposta esbarra em uma problematização desafiadora: em que medida a abertura desse arquivo e a criação desse dispositivo implicariam na imposição de formas de visibilidades contemporâneas que vão na contramão das formas de visibilização que foram possibilitadas e cultivadas pelo espaço-tempo do Gaivota? Essa pergunta tem sido sugerida especialmente pelas participantes da pesquisa que se identificam como “entendidas” ou

“gays”, cujas experiências são pautadas por formas seletivas de visibilidade e de auto-referência, em que uma identidade homoerótica é explicitada com certa reserva, ou apenas em certos lugares, de certas maneiras, e para certos grupos. Isso não significa, obrigatoriamente, em absoluto, que essas pessoas não tenham sustentado e vivenciado o mais integralmente possível as suas identificações e escolhas existenciais e afetivas. Sustentamos que essas atitudes não devem ser apressadamente julgadas e classificadas segundo os valores e padrões de conduta atuais, mas acolhidas e compreendidas em seus próprios termos. (PORTINARI & ALTMAYER, 2021, p. 7)

Essa problematização aponta para a necessidade de procedimentos que, mesmo não constituindo propriamente uma forma análise de discurso aplicada aos depoimentos dos interlocutores, possam, todavia, garantir uma escuta sensível dessas falas, sobretudo no que concerne os aspectos de visibilização que constituem o propósito fundamental deste projeto. Um desses procedimentos, previsto no projeto, é o retorno do material editado aos interlocutores e a manifestação destes sobre as formas de disponibilização desse material. Outro procedimento previsto são as “rodas de conversa”, em que os participantes – pesquisadores e interlocutores – serão convidados a debater o tema das formas de visibilidade e de memorialização LGBTQI e os rumos do projeto.

Um exemplo que permite entender um pouco as características próprias desse espaço-tempo “do Gaivota” e as estratégias de (in)visibilidade ali praticadas está na fala de uma entrevistada, muito interessante devido à caracterização do Gaivota como “submundo”

“O Gaivota fazia parte de um... submundo. A gente ia lá, nesses lugares, porque era neles que era possível a gente ser gay, ser sapatão. Era coisa do submundo, era lá que você existia como homossexual. Fora dali, você não era nada, o mundo era dos caretas. Ser sapatão era essa coisa do submundo. Então era tudo muito misturado, tinha de tudo, tinha gay, sapatão, travesti, garota de programa, malandro, michê, o povo da noite, os drogados, as madames, os curiosos, os do swing, os da noite, era essa mistura. E a gente ia lá por isso, para poder existir.” (Fala de F. 64 anos, ex-frequentadora do Gaivota)

Outros ex-frequentadores ressaltam a liberdade existente nos locais dissidentes em contraponto aos locais de encontros heteros e à sociedade da década de 1980 e 1990. Lugares como o Gaivota possibilitavam certa liberdade de expressão dos indivíduos, ensejando formas de visibilidade cuja manifestação seria duramente reprimida em outros espaços. Os indivíduos buscavam esses locais “para poder existir”, em uma sociedade em que suas realidades não eram aceitas e respeitadas.

Outro marcador que traz questões concernentes às formas de visibilidade vigentes no espaço-tempo contemplado são as nomenclaturas identitárias. Assim, por exemplo, a maioria das entrevistadas utiliza o termo “entendida” ou “gay” como modo de auto-referência, onde a geração jovem de hoje tenderia a descrever-se como “lésbica” – termo explicitamente rejeitado por algumas das entrevistadas. Em duas entrevistas com mulheres, a questão identitária é explicitamente abordada pelas entrevistadas como sendo uma questão de menor importância, na época contemplada, em comparação com o tempo presente. O que era importante então, segundo elas, era a possibilidade de “divertir-se, namorar, e comportar-se de maneira espontânea”, ou de “encontrar as pessoas, dançar e paquerar”.

Ainda mais uma questão que aponta para a importância dessas formas de visibilidade próprias ao “tempo do Gaivota” é a dificuldade encontrada pelos pesquisadores em encontrar pessoas dispostas a conceder entrevistas no formato audiovisual. Dentro do acervo de contatos do

projeto, constituído pelo método “Bola de Neve”, muitas pessoas dispõem-se a falar sobre as suas vivências, mas a maioria opta por formas de entrevista em que a sua identidade e imagem sejam resguardadas, como as entrevistas gravadas apenas em áudio, ou mesmo as entrevistas em que até a gravação em áudio é rejeitada, optando-se pela anotação das falas. A razão dessas restrições não é perguntada pelos entrevistadores, mas às vezes é oferecida espontaneamente pelos entrevistados. Assim, uma entrevistada, ao optar pela gravação apenas em áudio, explicou que a sua família até hoje não tem conhecimento “desse lado da sua vida”. Essa dificuldade torna o processo mais lento e trabalhoso, mas é interessante, pois aponta para as estratégias de (in)visibilidade praticadas pelos interlocutores.

Ainda é muito cedo para derivar conclusões sobre essas diferenças nas estratégias de visibilidade vigentes no “tempo do Gaivota” em relação às formas contemporâneas de visibilização, mas torna-se cada vez mais claro que essas diferenças existem, e que elas constituem um aspecto crucial a ser levado em conta na escolha das formas de construção, disponibilização e circulação do arquivo formado a partir da pesquisa.

5 Conclusão

Neste artigo, procuramos apresentar a pesquisa em andamento intitulada “No tempo do Gaivota: memórias e visibilidades LGBTQI+”, destacando os seus principais aspectos, resultados parciais e desafios. Considerando que este projeto tem por objetivo principal a construção e a disponibilização de registros de memórias e de visibilidades LGBTQI+, o principal resultado visado é a própria formação e disponibilização de um acervo, ou melhor, de um “dispositivo de memórias e visibilidades”, entendido como um arquivo vivo que permanecerá aberto a novas contribuições e a outras iniciativas de pesquisa.

Tendo em vista este resultado esperado, a análise dos conteúdos das entrevistas, como foi explicitado mais acima, não constituiu inicialmente um objetivo primordial da pesquisa. Entretanto, pelas razões apontadas neste relato, a análise das falas acabou por revelar-se uma etapa incontornável da pesquisa, abrindo novas perspectivas de entendimento sobre as diferentes formas e estratégias de visibilidade praticadas ao longo das histórias de vidas LGBTQI+. Essa problematização aponta também para a necessidade de procedimentos que possam garantir uma escuta sensível dessas falas, sobretudo no que concerne os aspectos de visibilização que constituem o propósito fundamental deste projeto.

Assim, as questões que surgiram nesta pesquisa nos instigam a pensar os limites e as possibilidades da pesquisa em Design, e das vias abertas por uma proposta de “queerizar o Design”. Retomando a discussão apresentada pelos pesquisadores em um evento sobre visibilidades dissidentes, podemos perguntar:

Estas práticas de salvaguarda de memórias sexo e gênero dissidentes invocam diversos questionamentos sobre a intencionalidade dessas práticas: qual a relevância de tornar vivo esse passado? Como se aproximar desses materiais por meio de arquivos do presente, de corps como arquivo? Quais as implicações de desengavetar, “sair do armário” e tornar esses acontecimentos em registros acessíveis? Quem decide o que se torna arquivo e quem detém os privilégios para tal? Qual desenho pode ter um arquivo de dissidências estético-políticas queer/cuir? Quais experiências são *inarquiváveis*? Como podemos arquivar juntas? (PORTINARI & ALTMAYER, 2021, p. 15)

Essas questões se apresentam tanto sob o aspecto de desafios projetuais – afetando diretamente as tomadas de decisões sobre suportes e meios de disponibilização do material coletado – quanto sob o aspecto de problematizações que concernem os métodos em História Oral e construção de arquivos. Assim, a pesquisa aqui relatada configura um campo de

confluência entre a pesquisa em Design, a História Oral, e a História Oral Queer, buscando contribuir para as iniciativas contemporâneas de construção de memórias e visibilidades LGBTQI+.

ACERVO BAJUBÁ. **Acervo Bajubá**. Disponível em: <<https://acervobajuba.com.br/>>. Acesso em: 1 ago. 2022.

AQUINO, Luiz Otávio. Discurso lésbico e construções de gênero. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p.79-94, jan. 1995.

ARQUIVO LÉSBICO BRASILEIRO. **Arquivo Lésbico Brasileiro – Acervo e Mémoria Lésbica**. Disponível em: <<https://www.arquivolesbicobrasileiro.org.br/>>.

ATKINSON, R.; FLINT, J. **Accessing Hidden and Hard-to-Reach Populations: Snowball Research Strategies**. Social Research Update, Guildford, v. 33, n. 1, p.1-8, jul. 2001. Trimestral. University of Surrey.

ALTMAYER, Guilherme. **Tropicuir: estético-políticas transviadas - memória, arquivo, design**. Rio de Janeiro, 2020. Tese (Doutorado em Design). Departamento de Artes & Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

BENJAMIN, WALTER. **Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense; 1987. (Obras Escolhidas, v. 1).

BEZERRA, DANIELI MACHADO. Tu é entendida, né, doidinha? In: **Simpósio Internacional De Educação Sexual (SIES)**, IV: Corpos, identidade de Gênero e Heteronormatividade no Espaço Escolar. 2013, Maringá. Anais... Maringá: NUDISEX, 2013, p. 1-14.

BOYD, N. A.; RAMÍREZ, H. N. R. (Ed.1). **Bodies of Evidence: The Practice of Queer Oral History**. Nova York: Oxford University Press; 2012.

CARRARA, Sérgio. Só os viris e discretos serão amados? **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. Disponível em: . Acesso em: 7 nov. 2007.

HENDRICKS, V. M., BLANKEN, P. and ADRIAANS, N. **Snowball Sampling: A Pilot Study on Cocaine Use**. Rotterdam: IVO: 1992.

INSTITUTO LGBT+. **Instituto LGBT+**. Disponível em: <<https://instituto.lgbt/>>. Acesso em: 1 ago. 2022.

MUSEU DA DIVERSIDADE SEXUAL. **Museu da Diversidade Sexual**. Disponível em: <<https://museudadiversidadesexual.org.br/>>. Acesso em: 1 ago. 2022.

NESTLE, J. "The Will to Remember: The Lesbian Herstory Archives of New York." Feminist Review, no. 34, 1990, pp. 86–94. JSTOR, www.jstor.org/stable/1395308. Acessado em 22 Mar 2022.

PERLONGHER, NÉSTOR. 1987. **O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo**. São Paulo, Brasiliense.

PONTINARI, DENISE. **Queerizar o Design**. Revista Arcos Design Rio de Janeiro, Edição especial Seminário Design.Com, v.10, n.1, Outubro 2017. Disponível em

<<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign/article/view/30937>> Acesso em 10 jan. 2022.

PORTINARI, D., ALTMAYER, G., No Tempo do Gaivota e Tropicuir: desafios e estratégias na construção de memórias e visibilidades LGBTQI+. In: X Congresso Internacional De Diversidade Sexual, Étnico-Racial E De Gênero Políticas Da Vida: Coproduções de Saberes e Resistências. 2021, meio virtual.

PORTINARI D., CESAR M. R.A. A Gentrificação da Homossexualidade. In Olinto, H.K., Schollhammer, K.E.: (Org.) Literatura e Espaços Afetivos. 1ª. Ed. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2015. Pg. 131-146.

PORTINARI, D.; NOGUEIRA, P. C. E. Por um design político. **Estudos em Design**, v. 24, n. 3, p. 32–46, 2016.

PORTINARI, D. RESENDE, C. L., SANTOS, L. No Tempo do Gaivota: Um projeto de construção de memórias e visibilidades LGBT/Queer. In: Aquenda de Comunicação, Gêneros e Sexualidades (1. : 2018 ago. 1-3, Porto Alegre, RS. Anais.. Organização Tainan Pauli Tomazetti, Alisson Machado, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019. p.634-644

PORTINARI, D., FERREIRA, P. C., RESENDE, C.L. No tempo do Gaivota: memórias e visibilidades lésbicas. In SANTOS, D.; RIBAS, L. (Org.) Dossiê Lesbiandades. Curitiba, UFPR/Rede LésBi: 2021 (No prelo).

RADZIKOWSKA, M., ROBERTS-SMITH, J., ZHOU, X. AND RUECKER, S.. A Speculative Feminist Approach to Design Project Management. Strategic Design Research Journal, volume 12, number 01, January - April 2019. 94-113.

SANCHEZ, Gustavo Ribeiro. Vozes LGBT: memórias que contam e encantam. In: XIV ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL. **Anais da Associação Brasileira de História Oral**. Campinas: Unicamp, 2018. Disponível em https://www.historiaoral.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=103. Acesso em 2 setembro 2021.

SANTOS, S.; NOJIMA, V. Epistemologia do design afirmativo. In: Congresso Pesquisa e Desenvolvimento em Design, 13. 2019. São Paulo: Blucher, 2019a. p. 3943-3952.

SCHULMAN, SARAH. The Gentrification of the Mind : Witness to a Lost Imagination. Berkeley-Los Angeles-London: University of California Press, 2012.

VOGT, W. P. Dictionary of Statistics and Methodology: A Nontechnical Guide for the Social Sciences. Londres: Sage; 1999.

WENNERHOLM, ZOE. It's your future, don't miss it: nostalgia, utopia and desire in the New York lesbian bar. Senior Capstone Projects, 897, 2019. https://digitalwindow.vassar.edu/senior_capstone/897. Acesso em: 21 mar. 2022.